

## O BELO E O MACHO:

a masculinidade nas arquibancadas de um estádio de futebol<sup>1</sup>

*The “Belo” and the Macho: masculinity in the bleachers of a soccer stadium*

Phelipe Caldas Pontes Carvalho<sup>2</sup>

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba e pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas (GUETU/UFPB).

RESUMO. O artigo parte de pesquisas de campo realizadas ao longo de 2017 e dos primeiros meses de 2018, no Estádio Almeidão, em João Pessoa, em meio à torcida do Botafogo da Paraíba. Em diferentes incursões, todas feitas em jogos oficiais do clube em questão, o que se percebeu foi um ambiente predominante de homens, heterossexuais, cuja masculinidade é sempre reforçada como aspecto positivo e como parte definidora de sua identidade. Ao mesmo tempo, o uso de xingamentos homofóbicos serve para marcar o clube e a torcida rival, como seres que merecem ser menosprezados, atacados ou combatidos. Isso provoca, mesmo que às vezes de forma inconsciente, um ambiente hostil para mulheres e para homossexuais da própria torcida botafoguense, que também se fazem presentes ao estádio. O objetivo aqui, pois, é entender como os marcadores sociais da diferença interferem nas relações entre os torcedores e reforça uma violência simbólica contra determinados grupos.

PALAVRAS-CHAVES: Masculinidade. Gênero. Futebol. Antropologia Urbana.

ABSTRACT. This article is based on fieldwork carried out during 2017 and the first months of 2018, at the Almeidão Stadium in João Pessoa, in the midst of the Botafogo of Paraíba fans. In different occasions, all made in official games of the club in question, what was perceived was a predominant environment of heterosexual men, whose masculinity is always reinforced as a positive aspect and as a defining part of their identity. At the same time, the use of homophobic curses serves to mark the club and the rival crowd, as beings that deserve to be despised, attacked or fought. This causes, even if unconsciously, a hostile environment for women and homosexuals of the Botafoguense crowd, who also make themselves present at the stadium. The goal here is

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão ampliada e atualizada de trabalho apresentado no VI Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, realizado pela Universidade Federal da Paraíba em novembro de 2017.

<sup>2</sup> Contato: pontescarvalho@gmail.com.

to understand how the social markers of diversity interfere in the relationships between the supporters and reinforces a symbolic violence against groups.

**KEYWORDS:** Masculinity. Gender. Soccer. Urban Anthropology.

## INTRODUÇÃO

Ao longo de toda uma década como jornalista esportivo e escritor, em que me debrucei sobre o futebol e sobre as paixões que o cercam, eu construí em vários de meus textos (principalmente os ficcionais, mas também em muitos dos jornalísticos) uma visão romantizada das arquibancadas de um estádio de futebol em dia de jogo. Descrevi-as nesses momentos como um ambiente essencialmente democrático, em que as diferenças são minimizadas e que, de repente, todos se veem como iguais. Defendendo as mesmas cores do clube que amam, buscando os mesmos objetivos, interagindo pacificamente um com o outro.

O instante de um gol, de um passe importante, de uma vitória, ou mesmo de uma derrota (para citar um caso negativo do ponto de vista desportivo), todos partilhados sem ressalvas. Amores e dores vividos ao longo de 90 minutos de forma comunitária. Em que preconceitos e distinções dos mais diversos tipos eram postos de lado ao menos enquanto durasse a pretensa “magia do futebol”.

Um espaço em que ricos e pobres, brancos e negros, homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, e quantas fossem as outras possíveis dicotomias existentes, eram minimizadas, momentaneamente anuladas, tornadas inexistentes; porque, na hora do futebol, na hora da emoção provocada pelo esporte, eram todos torcedores, todos colocados numa mesma categoria de apaixonados e vistos como coirmãos uns dos outros. Ao menos enquanto a bola rolasse, repito, as diferenças eram postas de lado.

É claro que eu nunca neguei a existência de conflitos. Só que muitas vezes eles eram retratados exclusivamente nos momentos de brigas entre torcidas, no embate físico entre grupos que disputavam espaços nas arquibancadas do estádio. Mas, nesses textos anteriores, eu não identificava a existência de violências simbólicas em meio a grupos de torcedores de um mesmo clube, algo que hoje é claramente perceptível em minhas observações etnográficas.

O presente artigo, pois, tem o objetivo principal de promover uma reflexão (ou releitura, se preferir) sobre estas relações entre torcedores, agora sob uma perspectiva antropológica. Principalmente depois de iniciar pesquisas no Estádio José Américo de Almeida Filho<sup>3</sup>, em que me inseri entre os torcedores do Botafogo Futebol Clube<sup>4</sup> ao longo de jogos da equipe no Campeonato Brasileiro da Série C de 2017; e depois em jogos do Campeonato Paraibano, da Copa do Nordeste e da Copa do Brasil de 2018.

Um olhar “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) sobre as dinâmicas entre diferentes grupos de torcedores que coabitam uma mesma arquibancada, “[...] capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe” (MAGNANI, 2002, p. 17). Um olhar, portanto, que eu não possuía antes e que me permitiu perceber uma dinâmica completamente diferente daquele antes imaginado e que era tão mais romantizado do que a realidade.

Um espaço que, é bem verdade, tem sim muita beleza, muita festa, muita comemoração capaz de emocionar e de embalar poetas mundo afora. Mas que, em meio a tudo isso, é também marcadamente masculino, heteronormativo, opressor. Principalmente contra as mulheres e contra os homossexuais.

Um espaço ainda que – longe da democracia que se supunha – reprime, ora de forma velada ora de forma acintosa, todos aqueles que não se enquadram num pretensão perfil ideal de torcedor que é construído pela maioria. É sobre esse segundo conjunto de características de uma arquibancada, portanto, que se pretende debater aqui.

## AS DIFERENÇAS ENTRE “NÓS” E “ELES”

Ao longo de diferentes jogos do Belo<sup>5</sup> atuando em casa, em meio às temporadas de 2017 e 2018, a minha rotina foi sempre muito parecida. Eu chegava ao Estádio Almeidão em média uma ou duas horas antes do início da partida, ficava nos

---

<sup>3</sup> Nome oficial do que é popularmente conhecido pelo apelido Almeidão. É a maior praça esportiva de João Pessoa, a capital da Paraíba, e é de propriedade do Governo do Estado. É onde acontecem os principais jogos de futebol realizados na cidade.

<sup>4</sup> Também conhecido como Botafogo da Paraíba ou Botafogo-PB. É o maior clube de João Pessoa, o maior campeão paraibano e único do Estado que até 2018 jogava na terceira divisão do futebol nacional.

<sup>5</sup> O principal apelido do Botafogo-PB.

arredores da praça esportiva acompanhando a chegada dos torcedores do time da casa e tentava nesse primeiro momento observar as diferentes sociabilidades entre eles.

Só no último momento, quando faltavam poucos minutos para a bola rolar, é que eu ocupava meu lugar na Arquibancada Sombra ou na Arquibancada Sol do Almeidão, os dois setores<sup>6</sup> em que se deram as minhas observações. No fim da partida, ainda passava pelo menos mais uma hora em volta do estádio, para igualmente acompanhar os torcedores na saída da praça esportiva, de forma que ao todo eu ficava em média cinco horas no Estádio Almeidão a cada jogo apenas para observar como os botafoguenses se comportavam e se inter-relacionavam.

Os “nós” e “eles” citados acima, no contexto deste artigo, pode ser entendido como a dicotomia entre todos aqueles que vão ao estádio em prol do Botafogo-PB (“nós”) de um lado e tudo o que faz referência (torcedores, jogadores, comissão técnica, bandeiras, cidade etc.) ao clube rival de outro (“eles”). Conscientemente, portanto, ao menos na grande parte das vezes que as torcidas se manifestam, as provocações em regra visavam sempre o outro, o rival, o inimigo a ser enfrentado e combatido. Num ritual de gestos e cânticos que teoricamente objetivavam exclusivamente desestabilizar o adversário. Dificultar o seu desempenho em campo, desorientá-lo tanto quanto possível, não permitir que ele se sentisse à vontade.

A propósito, isso acontece porque, conforme apregoa Damo (2012, p. 56), os eventos futebolísticos geralmente se configuram em “[...] um espetáculo que extrapola a dimensão esportiva”. Algo que coloca as paixões por um clube de futebol (chamado pelo autor de “clubismo”), por exemplo, dentro de amplas questões sociais e culturais. É que, muito por isso, permite dizer que “[...] um jogo não é apenas o confronto de duas equipes, mas de comunidades de sentimento pontualmente representadas” (DAMO, 2012, p. 57).

Nesse cenário de disputas constantes, a propósito, o autor vai ponderar que, mesmo que o clubismo trate, ao menos a priori, do amor de torcedores a um clube específico, haverá invariavelmente uma “outra face” deste mesmo clubismo, que é justamente a rivalidade expressa (inclusive em formas de cânticos e de xingamentos) contra o outro, contra o rival construído ao longo do tempo. Pois, segundo ainda Damo (2012, p. 65), “[...] além da identidade, através do clubismo vive-se a alteridade”.

---

<sup>6</sup> A Arquibancada Sol é o setor mais popular do estádio, com os ingressos mais baratos. Já a Arquibancada Sombra é um setor intermediário, com ingressos mais caros do que os do Sol, mas mais baratos do que os vendidos no Setor de Cadeiras.

O que quero mostrar aqui, contudo, é que, ainda que o alvo dos torcedores botafoguenses nesses jogos analisados fosse sempre o grupo rival, e nunca o seu próprio grupo de torcedores locais e igualmente botafoguenses, as observações etnográficas mostram que não é isso o que acontece na prática. Ou, ao menos, não é apenas isso. E, neste momento, é importante invocar o conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu (2012, p. 47), que fala de uma “[...] violência doce e quase invisível” que acaba sendo naturalizada. Mas que, é evidente, tem suas consequências danosas.

Eu fui a seis dos nove jogos do Botafogo-PB realizados no Estádio Almeidão durante a Série C de 2017 e a 10 dos 12 jogos realizados no mesmo estádio durante as diferentes competições que o time pessoense participou entre janeiro e 22 de abril de 2018, e em todos eles o comportamento foi parecido. Em meio ao discurso da torcida contra o rival, a virilidade é sempre valorizada. A masculinidade, reforçada. A figura do homem dominador, evidenciada. Em sentido contrário, tudo o que é feminino, ou tudo o que remete à homossexualidade, é posto num contexto de xingamento, de inferioridade, de menosprezo, de ofensa contra o outro.

O jogador do próprio time, quando esse está ganhando, é descrito como o “guerreiro”, o “matador” (no caso do artilheiro), o “xerifão” (no caso do zagueiro), e assim por diante. Em situações adversas, contudo, quando o time está perdendo, o discurso muda automaticamente. O grito de “joga como homem” é o primeiro dos apelos que se pode ouvir numa arquibancada. E se “jogar como homem” significa para esse público ir para a frente, buscar a virada, ter raça<sup>7</sup>, vencer; a conclusão óbvia é que todas as oposições, com claro teor negativo, correspondem ao que poderia ser chamado por eles de “jogar como mulher”.

Existem muitos outros exemplos, claro, sempre com ênfase em palavrões ou discursos agressivos. Vou citar apenas alguns. O grito de “deixa de viadagem”, por exemplo, é sempre proferido quando algum jogador está caído no chão<sup>8</sup>. Mas é um “bota pra foder nesses viados” que se torna mais emblemático no debate. Proferido das arquibancadas quando se pede para o time jogar com mais agressividade contra um time rival, o grito traz numa única frase, de meras cinco palavras, todos os elementos que levam a um discurso opressor num estádio de futebol.

---

<sup>7</sup> “Ter raça”, no contexto do futebol, é jogar com ímpeto, com vontade, com garra.

<sup>8</sup> O alvo, nesses casos, é comumente um jogador rival. Mas, em momentos adversos, a ira pode se voltar para um atleta do próprio time, que eventualmente cai em campo num momento em que a equipe precisa ir atrás de um resultado positivo, por exemplo.

O homem viril, ativo, agressivo, destemido, é ressaltado. E esse homem é convocado a dominar e subjugar física e sexualmente o outro lado. Que se apresenta, por sua vez, frágil, passivo, desprezível, efeminado, “viado”.

Outro exemplo curioso é com relação ao árbitro. Numa mesma partida, ele pode ser convidado a “enfiar o cartão no cu” por ter advertido um jogador do clube da casa; ou escutar um “agora você foi macho” se expulsar um jogador do time rival poucos minutos depois. Mais uma vez: referência a não ser homem num contexto negativo, referência a ser homem e a ser viril num contexto positivo.

Claro, tem muito de violência, pura e simples, nesses primeiros exemplos citados. Uma violência verbal que agride, machuca, marca o outro. Não nego essa realidade. Mas ela também se transforma em violência simbólica, tal qual defendida por Bourdieu, quando passa a ser reproduzida, como mostrarei mais a frente, por integrantes dos mesmos grupos que são estereotipados nesses discursos.

Afinal, esse não é um discurso isolado. Ele não só está presente em todos os jogos, sem exceção, que foram analisados; como é repetido lance após lance numa frequência impressionante, completamente naturalizado no imaginário – e nas práticas – dos muitos torcedores presentes nas arquibancadas.

Mas são nos cânticos e gritos de guerra coletivos proferidos ao longo do jogo pela torcida que essa violência simbólica se torna mais forte e visível. Porque são nestes momentos que o grito é uníssono, ecoante, majoritário na arquibancada. Ainda que nem todos cantem, a grande maioria canta. E a percepção imediata é a de que essa maioria ofusca a minoria que eventualmente prefere ficar calada.

Em 28 de maio de 2017, em jogo contra o CSA, a torcida do Botafogo-PB comemorou a vitória por 2 a 0 contra o clube alagoano cantando que: “Ah, eu já falei, em Maceió só tem puta e gay”. Já em 19 de junho, a partida foi Botafogo-PB 3 x 2 Remo. Eis o canto: “ôôôô, do Belo eu sou, ôôôô, no cu do Remo”. Pouco depois, os botafoguenses iniciaram uma espécie de dança em que apontavam para os respectivos pênis em direção a onde estava a torcida remista, que desta vez, mesmo em menor número, também reagiu, utilizando de táticas homofóbicas parecidas para atingir os botafoguenses, num ritual de agressões mútuas que se estendeu por vários minutos.

Em 9 de julho, o Belo perdeu em casa para o Sampaio Corrêa, de virada, por 2 a 1. Desta vez, sobrou para o goleiro do time maranhense, chamado de “filho da puta” em coro sempre que batia um tiro de meta; sobrou também para o árbitro, que depois do

segundo gol do Sampaio passou a escutar cânticos de “ei, juiz, vai tomar no cu”. Por fim, no empate sem gols contra o ASA, no dia 1º de setembro, a revolta pelo empate foi contra o artilheiro do time à época, o atacante Rafael Oliveira, que não vinha jogando bem. Gritos coletivos de “Rafael, viado” foram ouvidos por certo tempo como forma de protesto pelas atuações seguidamente aquém do esperado.

Os exemplos são inúmeros. E se enumero mais alguns é apenas para reforçar que essa prática é incessante, jogo após jogo, campeonato após campeonato, temporada após temporada. Uma prática já consagrada nas arquibancadas, mas que só evidencia um cenário de violências simbólicas. E que, importante ponderar, reproduz-se em praticamente todas as torcidas de futebol Brasil afora.

Mas enfim, na Copa do Nordeste de 2018, por exemplo, num jogo contra o Náutico realizado em 8 de fevereiro, a Torcida Jovem do Botafogo-PB iniciou um coro de “quer dá o cu, vai torcer para o Timbu<sup>9</sup>”, que rapidamente foi se espalhando para toda a Arquibancada Sol da praça esportiva. Já na final do Campeonato Paraibano, em jogo contra o Campinense, os xingamentos – sempre em coro – passavam por “matuto, viado” e “facuzão”, esse último numa referência à torcida organizada Facção Jovem, do clube de Campina Grande.

É um discurso constante. Incessante. Institucionalizado ao longo dos anos por aqueles que frequentam o estádio. Quase todos aderem aos gritos. Inclusive mulheres. E, por inferência, homossexuais também<sup>10</sup>. Acabam por reproduzir, muitas vezes de forma inconsciente, as agressões que atingem a si mesmos. E ajudam a tornar o ambiente hostil para o seu livre caminhar.

No estádio, diga-se, não existe uma perseguição declarada contra homossexuais ou contra mulheres. Não há agressões físicas. Mas, como se vê, eles estão sempre sendo confrontados e hostilizados. Sendo avisados a cada momento que são vistos como inferiores naquele espaço.

Ao tentar entender esse tipo de fenômeno, Connel (2016) destaca que existe nas sociedades um discurso muito estereotipado de masculinidade e adolescência. Tal discurso vai destacar desde muito cedo as diferenças entre meninas e meninos, sendo, esses últimos, aqueles que por causa da testosterona são impulsionados a se arriscar

---

<sup>9</sup> Timbu é o apelido do Náutico.

<sup>10</sup> Conforme mostrarei mais a frente, os homossexuais que comparecem ao Estádio Almeidão permanecem ocultos ao longo dos jogos, até como forma de se protegerem. De forma que, nesse ponto específico, os dados etnográficos são bem mais escassos.

mais. São construções sociais, obviamente. Mas que, com o tempo, são naturalizadas. E cujos efeitos acabam por reverberar nas arenas esportivas: “A energia masculina encontra sua expressão no futebol, nas lutas e nos problemas na escola” (CONNEL, 2016, p. 137).

No fim das contas, portanto, o que se vê nas arquibancadas não é mais do que a reprodução do que já existe numa sociedade em que “[...] a ideologia popular trata a heterossexualidade como ‘natural’” (CONNEL, 2016, p. 142). E, se tudo o que é heterossexual é natural, a conclusão imediata é a de que, em sentido contrário, tudo o que não é heterossexual é automaticamente artificial, falso, anormal, digno de ser questionado.

A autora, inclusive, vai falar um pouco mais sobre como os esportes sofrem interferências numa sociedade em que “[...] a heterossexualidade é aprendida, e esse aprendizado, para meninos, é um lugar importante de construção de identidades” (CONNEL, 2016, p. 143). Ela diz: “O esporte de equipe, organizado e competitivo, é uma prática social especialmente moderna. É intensamente segregada por gênero e dominada por homens. [...] Um lugar de camaradagem masculina, uma fonte de identidade” (CONNEL, 2016, p. 143).

A citada autora é australiana. E, como tal, refere-se especialmente ao rúgbi quando fala em “esporte de equipe”, já que esta modalidade está entre as mais populares do povo de seu país – bem a frente do futebol, por exemplo. Mas, ao falar aqui de uma realidade registrada no Brasil, existem evidências que mostram que o futebol também reproduz esse tipo de comportamento descrito por ela.

De León, por exemplo, num artigo em que analisa uma decisão judicial proferida em São Paulo em que o julgador reforça a tese de que o futebol é sim um esporte de contato, de força, e por isso de homens másculos; pois, eu dizia, De León (2011, p. 52) vai explicar que o futebol “[...] dita parte dos padrões de masculinidade” da sociedade brasileira.

Observe-se o que ele fala sobre o esporte que é dito paixão nacional do brasileiro e perceba-se o quanto é parecido com a realidade australiana com relação ao rúgbi e já citada aqui por Connel: “A associação entre macheza e jogar futebol é praxe na formação do jovem viril brasileiro. É uma identidade agregada a valores de agressividade, uma ‘violência necessária’ e até mesmo uma libido masculina heterossexual” (DE LEÓN, 2011, p. 52).



Mais adiante, o autor trata de forma mais específica sobre como essa espécie de ode ao macho leva invariavelmente à homofobia. “Na medida em que a definição de homem se dá pela oposição à feminilidade, é inegável que a homofobia desempenha um papel marcante naquilo que significa ser homem. Ser macho associa-se à virilidade, potência sexual, valentia, honra e responsabilidade” (DE LEÓN, 2011, p. 54).

Pois, ainda de acordo com o autor, “[...] o jogador de futebol [...] agrupa valores do machão nacional: força, poder, violência, virilidade, agressividade e potência sexual” (DE LEÓN, 2011, p. 55). E, por fim, ele diz também que “o futebol, com efeito, é um grande marcador da sexualidade masculina (DE LEÓN, 2011, p. 60).

### AS VIOLÊNCIAS INTERNAS E AS DEFINIÇÕES DE PADRÕES

Todas essas questões envolvendo masculinidade e homofobia estão presentes dentro de um mesmo grupo de torcedores, a ponto de interferir em seus próprios comportamentos. Para se ter uma ideia, é comum ver grupos de torcedores homens irem juntos ao estádio, ingerindo alta quantidade de bebida alcoólica e reforçando suas relações de companheirismo e amizade; mas essa prática é bem mais rara ou mesmo inexistente (ao menos com todo este vigor) com grupos exclusivos de torcedoras mulheres.

Elas, em regra, ou vão ao estádio acompanhadas por outros homens, como se precisassem de uma espécie de proteção para adentrar em um território marcadamente masculino; ou, quando estão sós, preferem os degraus mais altos das arquibancadas, longe do alambrado e conseqüentemente longe de uma maior visibilidade.

A propósito, ao longo dos jogos que compareci para realizar essa pesquisa, em apenas uma oportunidade presenciei uma mulher que foi sozinha ao estádio e ficou perto do alambrado. E sim, ela acabou sendo alvo de “galanteios” de alguns torcedores que, ainda por cima, tiraram foto dela sem que ela percebesse.

Ao pesquisar a presença de mulheres nos estádios de futebol do Brasil, Stahlberg (2011) nos ajuda a responder algumas dessas questões envolvendo o preconceito contra as torcedoras. Ela lembra, por exemplo, que em 1941 um decreto-lei (do Governo Vargas) chegou a proibir a presença delas nas arquibancadas, e que,

mesmo depois do tal decreto ser revogado, isso gerou uma série de preconceitos que de certa forma reverberam até hoje.

Pois Stahlberg (2011, p. 18) explica que a mulher ainda é tratada “[...] como uma espectadora à margem do processo”; e mesmo admitindo que paulatinamente o preconceito vem sendo vencido, a autora diz que elas, as torcedoras, ainda precisam dia após dia lutarem pelos seus respectivos espaços no mundo do futebol: “Suas opiniões não são respeitadas em círculos masculinos até que elas provem ser ‘merecedoras’ de serem ouvidas” (STAHLBERG, 2011, p. 23, grifo da autora).

Ademais, a autora confirma que, de fato, “[...] as regras sobre como as mulheres devem se comportar são bastante demarcadas. [...] Sendo sempre mal vista a mulher que se comporta de maneira excessivamente ‘masculina’, falando palavrões, gritando etc.” (STAHLBERG, 2011, p. 44, grifo nosso). Esse, claro, é apenas um dos exemplos citados por Stahlberg ao longo de seu trabalho, que vai abordar também uma série de estereótipos disseminados principalmente por torcedores homens e que costumam tratá-las como sendo “mulheres-masculinizadas”, “marias-chuteiras” ou “torcedoras modinhas”<sup>11</sup>. Ou seja, tentam justificar suas presenças nos estádios sempre por motivos outros, alheios ao futebol, negando-se a admitir que possam estar lá pela pura vontade de torcer pelos seus respectivos clubes do coração.

Passando agora a discutir sobre homossexualidade no futebol, os homossexuais masculinos são sem dúvida os mais afetados. É quase óbvio que eles devem estar presentes ao estádio, mas por certo são minorias e permanecem ocultos ao longo dos jogos. Eles simplesmente não se manifestam como tais e, se vão ao estádio com seus eventuais parceiros, evitam terminantemente quaisquer gestos que os “denunciem”.

Pelo mesmo motivo, as travestis não são facilmente percebidas nos jogos. Como estratégia de autoproteção, tornam-se igualmente ocultas. Passam por um processo de invisibilidade. Afinal, são muito fortes as regras heteronormativas dentro do estádio para que alguém que foge a elas tente questioná-las.

Esse ocultamento, a propósito, dá-se porque, como escreve Le Breton (2013, p. 212) em seu amplo estudo sobre o assunto, “[...] o corpo deve passar despercebido no intercâmbio entre os atores”. Principalmente porque “[...] a impossibilidade de nos

---

<sup>11</sup> “Maria-chuteira” seria a mulher que frequenta o ambiente do futebol em busca de uma relação duradoura com algum jogador rico, enquanto que a “torcedora modinha” seria aquela que nem gosta tanto de futebol, mas se diz torcedora de um clube apenas quando ele está num momento positivo, de ápice esportivo, vitórias e títulos. Ambos são termos êmicos pinçados pela autora ao longo de sua pesquisa.

identificarmos fisicamente com ele [...] está na fonte de todos os preconceitos que um ator social pode sofrer. A diferença transforma-se em estigma mais ou menos altamente afirmado” (LE BRETON, 2013, p. 213).

O que se percebe, portanto, é que já existe um padrão de conduta muito bem definido. E que acaba sendo imposto nas arquibancadas. Institucionalizado e classificado como normal a ponto de nem opressores nem oprimidos questionarem o que está posto como “certo” e como “errado”.

E, a partir daí, todos aqueles que se apresentam como “diferentes” dentro do estádio vão ser questionados. Observados por constrangedoras olhadelas (in)discretas, agredidos também por cânticos que segregam e violentam.

Aliás, um torcedor que não vai ao estádio de forma tão frequente, quando vai, percebe de forma mais forte e clara essas violências, essas repressões, esses preconceitos. Fiz essa experiência ao longo de minha pesquisa. Fui com amigos ao estádio, algumas vezes também com minha esposa, homens e mulheres que não tinham o hábito de frequentar o estádio e que de repente estavam lá, torcendo, observando. Queria observar suas impressões. E todos, sem exceção, perceberam essas violências provocadas pela maioria dos torcedores.

Dinâmicas, pois, que maltratam, são percebidas de forma mais clara por uma pessoa que não está tão acostumada com tal realidade; mas que, parece-me, a partir de minhas observações, não tem o poder de provocar o mesmo incômodo com quem já está habituado àquele cenário.

Voltando a Bourdieu (2012, p. 46) e seu conceito de violência simbólica, pode-se dizer que ela chega ao ápice justo no momento em que “[...] os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”. Algo que, inclusive, Goffman (2002, p. 41) admite ser difícil de romper: “Quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade”.

É justo essa naturalização de discursos, essa normatização, essa padronização, que acontece no Estádio Almeidão em dias de jogo do Botafogo-PB. E é tudo isso, muito provavelmente, que permite que mulheres entoem – juntas com outros homens e todos inseridos em um mesmo estádio de futebol – gritos de guerra que as rebaixam, as tolfhem e as inferiorizam, pensando estarem apenas tentando desestabilizar o rival em

um momento decisivo da partida. Sem perceber que, quando tornam tudo o que é feminino como características negativas do outro, elas estão na realidade marcando a si mesmas como inferiores<sup>12</sup>.

Elas são vítimas, claro. De um processo que está tão arraigado aos costumes – não só futebolísticos, diga-se –, que muitas vezes elas nem mesmo percebem o discurso que estão reproduzindo. São vítimas, pelas palavras de Butler (2003, p. 9), de uma sociedade regida por duas “[...] instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória”. Vítimas, ainda por cima, porque quem impõe as regras, a priori, são os homens que historicamente comparecem aos estádios e os autodefinem como espaços deles e somente deles.

## O MOMENTO DO EXTRAVASAMENTO

É curioso. Mas também nos momentos de arrebatamento, de extravasamento, de torpor que passa uma torcida durante um jogo de futebol, esse comportamento masculinizado, do macho que se apresenta como tal, é evidenciado. O momento do gol do time do coração, ou o momento em que o goleiro do time da casa defende um pênalti, por exemplo, é sempre um terreno fértil para as performances.

Uma performance que tem muito de ritualizada. Comportamentos que, segundo Le Breton (2006, p. 52) em seu estudo sobre a sociologia do corpo, “[...] não são espontâneos, mas ritualmente organizados e significados visando o outro”.

Rituais esses que, por sinal, tornam-se ainda mais evidentes dentro das torcidas organizadas de futebol<sup>13</sup>. Isso porque, segundo Toledo (1996, p. 150), “[...] uma torcida organizada de prestígio é aquela que é notada e percebida pelos outros, xingada, odiada e vaiada. Para os torcedores organizados em nada interessa o anonimato”.

Apresento agora dois momentos distintos que testemunhei em dois jogos diferentes contra o Treze, ambos pelo Campeonato Paraibano. E escolhi um jogo contra o Treze justamente porque são em momentos de rivalidade extrema que essas reações se tornam mais evidentes e enfáticas.

---

<sup>12</sup> É importante, claro, que novos estudos sejam realizados para aprofundar o tema. E escutar das próprias torcidas suas impressões sobre todo esse processo.

<sup>13</sup> É importante lembrar que muitos dos comportamentos citados aqui também são reproduzidos pelas torcidas organizadas, ainda que a análise feita no presente artigo não se limite a elas.

O primeiro dos acontecimentos aconteceu no jogo de 21 de janeiro de 2018, pela primeira fase da competição estadual, e eu acompanhava tudo pela Arquibancada Sombra. A partida terminou empatada em 1 a 1, mas perto do fim o adversário desperdiçou um pênalti que poderia ter significado a derrota botafoguense. No exato momento que a bola da cobrança de pênalti foi para fora, toda a torcida se agitou enlouquecida. Os homens gritaram, bateram forte nos respectivos peitos e antebraços, numa aparente demonstração de orgulho, de virilidade, de extravasamento pelo triunfo naquele duelo particular. Abraçaram-se vigorosamente, gritaram de novo. Alguns chegaram a se empurrar numa típica demonstração de camaradagem masculina. Depois, voltaram-se ao time e à torcida rival. Xingaram-nos. De “viado” e de tantos outros xingamentos homofóbicos. E nem o árbitro foi poupado. Ainda na mira dos torcedores por ter marcado o pênalti, esses mandaram ele enfiar o apito em si próprio.

O segundo dos acontecimentos aconteceu em 25 de março, no jogo de ida das semifinais do Campeonato Paraibano. Acompanhei a cena pela Arquibancada Sol e eis como a registrei em meu diário de campo:

Observando os esticares de olhares e as respirações presas próximo a mim, em meio aos cânticos momentaneamente interrompidos [...], nem consigo prestar atenção na exata hora em que a bola entra para fazer 2 a 1 no placar. Como sei que foi gol? Pela reação incontida da parte majoritária do estádio. Pelos milhares de gritos extravasados de gol, pelos xingamentos que toma conta de toda a arquibancada e que tem a torcida do Treze como alvo, pelos uivos histéricos que escutados coletivamente mais parecem o estrondo de um trovão inesperado (DIÁRIO DE CAMPO, 26 de março de 2018).

Também neste segundo caso, os gritos, os xingamentos, as reações destinadas ao outro são carregadas de estigmas, com um claro teor homofóbico. E eu poderia citar aqui tantos outros exemplos registrados ao longo da pesquisa que mostram esse mesmo tipo de comportamento do torcedor. Um torcedor que, muito provavelmente, nem seja conscientemente homofóbico, mas que, empurrado pela multidão, contaminado pela histeria coletiva, pelo exemplo apreendido a partir dos companheiros de arquibancada, reproduzem o discurso já naturalizado – e violento. Que se evidencia de forma mais clara em momentos de ápice (seja gols, pênaltis ou faltas violentas que acabam por chamar o torcedor para participar mais do que se desenrola dentro de campo).

## UMA REALIDADE QUE NÃO É APENAS PARAIBANA

Falou-se muito neste artigo da torcida do Botafogo-PB. De uma realidade que acontece em João Pessoa e mais precisamente no Estádio Almeidão. Essa realidade, contudo, foi possível constatar, não é exclusividade botafoguense, pessoense ou paraibana.

Após identificar o cenário descrito na pesquisa etnográfica realizada no Estádio Almeidão, passei a me questionar se essa prática seria ou não parecida com o que acontece em outras praças esportivas do Brasil.

E é claro que nesses casos as observações foram mais precárias, mas mesmo ciente das dificuldades passei a assistir pela televisão a diversos outros jogos da Série C do Campeonato Brasileiro de 2017, envolvendo outros clubes da competição que não o Belo, já exaustivamente observado ao longo das incursões em campo.

Posso citar especificamente os quatro cruzamentos das quartas de final da Série C, que resultaram em oito diferentes jogos, já que, pelo regulamento, os confrontos de mata-mata eram realizados em partidas de ida e volta.

Mesmo pela televisão, vários dos cânticos registrados em João Pessoa eram passíveis de ser escutado nas transmissões de jogos realizados em São Luís (no Maranhão), Fortaleza (no Ceará), Maceió (em Alagoas), Sorocaba (em São Paulo), Aracaju (em Sergipe), Volta Redonda (no Rio de Janeiro), Juiz de Fora (em Minas Gerais) e Tombos (também em Minas). Nessas cidades, foram realizados jogos em que os mandantes foram, respectivamente, Sampaio Corrêa, Fortaleza, CSA, São Bento, Confiança, Volta Redonda, Tupi e Tombense.

Ou seja, são pelo menos oito torcidas de clubes de sete estados diferentes em que o mesmo tipo de opressão velada e simbólica foi registrada, dando fortes indícios de que de fato essa prática é a mesma em todo o país. Aqueles gritos contra o árbitro e colocando em dúvida a masculinidade dos times rivais, por sinal, foram os mais comuns entre os identificados.

Isso acontece porque, antes de tudo, a dominação masculina que gera violência e preconceito contra a mulher e contra a homossexualidade (principalmente a masculina) são construções sociais reforçadas ao longo de gerações, em diferentes intensidades nas mais diversas partes do mundo. De forma que, como já dito, o que

acontece dentro de um estádio de futebol é a mera reprodução de ideias pré-concebidas pelos diversos grupos sociais.

O antropólogo português Miguel Vale de Almeida, por exemplo, tem um estudo publicado sobre como a representação do corpo marca previamente estes grupos ora analisados. A partir do que ele chama de sinais diacríticos.

No texto, ele conta a história de alguns personagens marcados por esses sinais. No caso da mulher, ele fala de Manuela. Alguém que é vista pelos outros ao mesmo tempo como “[...] frágil e hiper-desejada. [...] Antes de tudo e mais que tudo – corpo. Ao mesmo tempo tudo parecia dizer que ela era menos: menos inteligente, menos forte, menos capaz. Estúpida, portanto, inferior. Emotiva, portanto, inferior” (ALMEIDA, 2004, p. 20 e 21). Já com relação aos homossexuais, ele vai falar de Tiago, pertencente “[...] a um grupo que sempre fora visto como pecaminoso, criminoso ou doente” (ALMEIDA, 2004, p. 25).

Almeida (2004, p. 28), pois, apresenta “[...] o corpo como interiorização não verbal, inconsciente, mimética, automática, de certas disposições de desigualdade e poder”. Algo que, ainda de acordo com o autor lusitano, “[...] acontece em praticamente todos os níveis de identidade social que são também níveis de desigualdade e diferença: o gênero, a sexualidade, a raça, a etnicidade, a classe, a deficiência, a idade” (ALMEIDA, 2004, p. 28).

Como se vê, o corpo fala. Fala, reprime, e é reprimido também. É uma espécie de primeira instância para a produção e absorção de preconceitos e de violências. E é exatamente o que acontece num estádio de futebol. Os corpos masculinos e os rituais (cânticos, gestos obscenos etc.) realizados por esses geram o preconceito no ambiente do futebol, que vai atingir todos aqueles corpos que não estão englobados nesse perfil.

E que, como consequência, vai provocar medo nas mulheres e nos homossexuais, por exemplo. Medo aqui, por sinal, segundo Ferreira (2011, p. 88), que diz que “[...] diante de um cenário urbano envolto em violência cultivamos os temores de lidar com as diferenças e o desconhecido”. Junto a esse medo, uma necessidade de se ocultar. De se proteger. De não ficar tão visível nem circular sozinho num espaço que, aparentemente, já tem dono.

## CONCLUSÃO

As mulheres e os homossexuais, quando nas arquibancadas de um estádio de futebol marcado pela masculinidade, são na maioria das vezes vistos como estrangeiros, ainda que estejam em meio a torcedores do mesmo time do qual se declaram torcedores. E dito isso dentro de uma perspectiva proposta por Georg Simmel (2005, p. 271), para quem “[...] o estrangeiro, o estranho ao grupo, é considerado e visto [...] como um não pertencente, mesmo que este indivíduo seja um membro orgânico do grupo cuja vida uniforme compreenda todos os condicionamentos particulares deste social”.

Ou seja, uma vez que estejam no estádio formando uma população composta por torcedores de um mesmo clube, os presentes são todos membros orgânicos do grupo. Ao mesmo tempo, aqueles que provocam estranhamento sofrem um processo de exclusão e viram vítimas de diferentes tipos de preconceito. O que os levam a ser classificados como não pertencentes a tal coletividade. O estrangeiro, pois, ainda de acordo com Simmel (2005, p. 265), é “[...] aquele que se encontra mais perto do distante”.

Considerando ainda Simmel (2011, p. 568), e mais uma vez considerando o caráter hegemonicamente masculino do estádio de futebol, as mulheres e os homossexuais, que fogem deste cenário padronizado, acabam envolvidos num conflito, que é definido pelo autor como algo “[...] destinado a resolver dualismos divergentes, [...] uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio”.

E é claro que a “aniquilação”, neste contexto, não significa a morte física, biológica, ou qualquer outro sentido consagrado da palavra. Mas é, antes de tudo, uma aniquilação social. Porque o simples fato de essas pessoas se sentirem tolhidas em sua liberdade de ir e vir, de evitarem se expor sem medos ou censuras, a simples ocultação de seus corpos e de suas características mais basilares em meio a uma multidão, apenas para não se fazerem notar como diferentes – ou estranhos –, já é uma forma simbólica de violência e de aniquilação.

Se, como dito no início do presente artigo, um dia eu já consegui romantizar as arquibancadas de futebol como uma espécie de berço moderno da democracia, um dos legados desta pesquisa, ao menos para mim mesmo, é perceber o quão violento pode ser



um espaço que historicamente é consagrado pela sua repressão contra grupos específicos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. O Manifesto do corpo. **Manifesto**, v. 5, p. 17-35, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNEL, Raewyn. Gênero em Termos Reais. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

DAMO, Arlei Sander. Paixão partilhada e participativa: o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, v. 57, n. 2, p. 45-72, jul./dez. 2012.

DE LEÓN, Adriano. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: MACHADO, Charliton; NUNES, Maria; SANTIAGO, Idalina. **Olhares: gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, p. 47-72, 2011.

FERREIRA, Marcelus Gonçalves. Corpo/Cidade – uma corpografia do medo. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 9, n. 2, p. 86-98, dez. 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Mathias Lambert. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Trad. Sônia M. S. Fuhrmann. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MAGNANI, José Guilherme. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n. 12, p. 265-271, dez. 2005.

\_\_\_\_\_. O Conflito como Sociação. Trad. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 10, n. 30, p. 568-573, dez. 2011.

STAHLBERG, Lara Tejada. **Mulheres em Campo:** novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A Cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de (Orgs.). **Na MetrÓpole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1996.